

# A DANÇA COMO POTÊNCIA NA COMUNICAÇÃO CORPORAL DE CRIANÇAS AUTISTAS

## DANCING LIKE POWER IN BODY COMMUNICATION OF CHILDREN WITH AUTISM

GARCIA, Alexandre Felipe<sup>1</sup> JOROSKY, Narda Helena<sup>2</sup>

Departamento de Licenciatura em Artes Visuais Faculdade Integrada de Ourinhos FIO/FEMM.

### RESUMO

Este trabalho busca apresentar o corpo na dança como possibilidade de comunicação para crianças autistas, a partir das teorias de alguns pesquisadores (Barbosa, Boato, Sampaio, Campos, Diniz, Albuquerque, Daolio, Foucault, Fernandes, Neves, Scaraficci, Marinho, Merkle e Weil) apontando o conceito especialmente do ponto que refere ao corpo e o diagnóstico desse transtorno na necessidade de um desenvolvimento da linguagem corporal. Partindo do pressuposto que os autistas utilizam o corpo como compreensão e expressão dos elementos a sua volta e transformação de todos em gestos simbólicos é possível certamente entender a dança como propositora de uma mediação em manter um contato com o mundo e a interação com as pessoas, assim, ajudará as instituições de ensino quantos aos professores que tem algumas dificuldades de comunicação e expressão com as crianças que apresentam esta síndrome e assim mediando às atividades desenvolvidas.

**Palavras-chave:** Corpo. Dança. Autismo.

### ABSTRACT

This study aims to present the body in dance as a possibility of communication for autistic children, from the theories of some researchers (Barbosa, Boato, Sampaio Campos, Diniz, Albuquerque, Daolio, Foucault, Fernandes Neves, Scaraficci, Marinho, Merkle and Weil) pointing in particular with a concept that refers to the body and the diagnosis of this disorder on the need for development of body language. Assuming that autistics use the body as understanding and expression of the elements around them and transforming all in symbolic gestures can certainly understand dance as a proponent of mediation to maintain a contact with the world and interacting with people. Thus, help educational institutions how many teachers to have some difficulties of communication and expression with the children with this syndrome and mediating the activities developed.

**Keywords:** Body. Dancing. Autism.

### INTRODUÇÃO

Entender o quanto a dança com seus movimentos e explorações corporais pode proporcionar ao indivíduo autista, contribuindo para a experiência estética, de releitura do mundo, fazendo com que haja formas de estimular as expressões de sentimentos que estão guardados dentro de si. Há, na dança, uma forma de experiência em trabalhar movimentos relacionados ao seu convívio, pois ajuda a conhecer coisas que não compreendia. Rudolf Laban (1879-1958), grande coreógrafo e pesquisador do corpo e movimento acreditavam que “fatores sociais podem ser

---

<sup>1</sup> Licenciado em Artes Visuais.

<sup>2</sup> Professora e Mestre do curso de Licenciatura em Artes Visuais.

abrangentes na dança e que executar estes níveis traz um maior comprometimento de liberdade de expor tudo que esteja sentindo” (LABAN apud RANGEL, 2003, p.63).

A busca inicial é esclarecer que o corpo para estas crianças pode ser vinculado a um aprendizado global, utilizando de aspectos lúdicos em suas aulas podem trazer uma autoestima para superar limites de movimento que a sociedade impõe e assim, entender a dança como potencial para a expressão da criança autista gestos que possam ser utilizados em produções artísticas dentro da escola e em sua vida social.

Portanto, para sustentar estas concepções houve uma busca aos estudos de teorias de diferentes autores (Barbosa, Boato, Sampaio, Campos, Diniz, Albuquerque, Daolio, Foucault, Fernandes, Neves, Scaraficci, Marinho, Merkle e Weil) que apresentam um olhar real e dinâmico aos movimentos e o uso consciente que o corpo precisa enquanto meio de exploração do espaço, tempo e comunicação pessoal.

Este artigo se propõe a entender a dança como linguagem artística de grande potencial para a comunicação das crianças autistas, sendo representada pelos movimentos gestuais do corpo na vivência com o cotidiano, além de ser uma possibilidade para uma mediação do professor, apresentando elementos diferentes, objetos para exploração e movimentos de conscientização corporal, para além da rotina de um corpo fechado e mecânico, que circula nos contextos sociais atuais.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa é uma análise teórica a partir de diferentes pesquisadores e traz um levantamento prévio de estudos bibliográficos em livros e artigos que abordam à questão do transtorno Espectro do Autismo, o uso do corpo como fonte de comunicação tecendo relações com a dança e tudo aquilo que a engloba, sendo que a mediação desse encontro tem o professor com um importante papel, ampliando o repertório motor e cultural das crianças autistas. Ao iniciar a pesquisa, é preciso citar a autora e pesquisadora Ana Mae Barbosa (2008), que advoga que a forma lúdica da criança perante o corpo deve sempre andar junto com seu aprendizado em qualquer atividade e o professor deve acompanhar este processo sempre direcionando uma nova maneira de realizar a sua prática.

Jocimar Daolio (1994) em seu livro intitulado da Cultura do corpo, apresenta um levantamento histórico abrangendo como o corpo foi inserido na sociedade, e, além disso, como este mesmo corpo passa a ser apreendido pelas regras sociais e imposições de comportamento; além da busca pela expressão, em determinado

contexto, revelando todas as suas características e simbologias dos movimentos utilizando-o como um instrumento para a construção de diferentes temas de danças como objetivo de estabelecer uma relação na integração entre oferenda e sacrifícios em determinadas sociedades.

Nesta mesma análise, Foucault (1987) discute que o corpo na sociedade teria como propósito a obediência a um ser superior que através do comportamento, vai trazendo uma roupagem diferente a tudo aquilo que não questionasse o poder, sendo sempre hábil para o comando e pronto para realizar tarefas. É evidente que para isso, as crianças autistas teriam uma grande dificuldade para ser enquadrar em uma hegemonia, mais do que isso, às regras impostas aos corpos na sociedade. Se para as crianças ditas “normais” já é complexo o controle corporal, para as que possuem a síndrome do autismo, a situação fica ainda mais complexa. No artigo do IX Congresso Nacional de Educação em 2009 na PUCPR feito por Eliane Marinho e Vânia Merkle, é possível analisar relatos que comparam um indivíduo que tem o autismo e o que não possui, revelando circunstâncias diferentes em olhar e viver a sociedade.

Por trás desta preocupação, de ações de entender as coisas e compreender funções adequadas e específico para a sua comunicação, é importante citar um artigo feito pelo Álisson Fernandes, João Neves e Rafael Scaraficci (2016) da Universidade Estadual de Campinas que define o autismo como uma síndrome, classificando e explicando todos os comportamentos isolados da criança autista e como este surgiu e aponta este mundo singular destas crianças, refletindo sobre alguns aspectos com relação à gênese dos movimentos.

## **DESENVOLVIMENTO**

### **Discussão: O Que é o Autismo?**

O Transtorno Espectro do Autismo (TEA) assim como as outras deficiências no campo da história tem como princípio a idéia de que todas as crianças que nasciam ou eram identificadas com alguns sinais diferenciado dos padrões da sociedade da época eram chamados de “anormais” e acabavam destinados a morte, pois acreditavam que seus corpos eram encarnados por algum espírito maligno e por isso não teriam o controle de comportamento denominando-os como selvagens, sem domínio

Ao longo do tempo, dois pesquisadores voltaram-se aos estudos desta nova síndrome que acreditavam que tudo isso seria um modo diferente de identidade, do

comportamento. Kanner (1943) destinou seu estudo ao transtorno do meio afetivo, ao núcleo de convívio dessas crianças, e como isso afetaria os seus comportamentos diretamente, mas para Hans Asperger (1944) esta mesma forma estaria relacionada a uma inteligência elevada, ou seja, muitos tinham uma dotação em alguma área cognitiva. (FERNANDES, NEVES E SCRAFICCI, 2016)

Com o avanço nas pesquisas produzidas pelos autores em questão, foi possível notar que o comportamento das pessoas com autismo estabeleceria um quadro clínico, em que buscaram entender as delimitações de informações no “momento certo” dos pacientes e, sobre isso, convocando um olhar nos elementos de comunicação em sua volta o tempo todo. Em um Congresso de Educação em 2009 realizado na PUCPR, foi apresentada uma pesquisa que busca um olhar sensível para estas crianças que possuem este diagnóstico e também faz comparação àqueles que não teriam nenhum desses comportamentos diagnosticados em autistas:

Nilsson (2004) diferencia o aprendizado de uma criança autista e não autista em visão cognitiva. O autista apresenta um pensamento literal concreto, visual, fragmentada. Ocorre um tipo de estímulo sensorial por vez, enquanto que em uma criança não autista ocorre a coordenação de todas as modalidades sensoriais. “Pessoas com autismo pensam de sua própria maneira associativa, e isto torna difícil de manter uma conversação, mesmo quando eles têm a habilidade de usar a linguagem.” (MARINHO, MERKELE, 2009, p.10)

Por esta afirmação, é possível dizer que as crianças autistas em seu comportamento e comunicação, precisam criar e aprender a sua própria maneira de internalizar conceitos, já que existe maior complexidade em manter uma conexão entre o mundo exterior e o interior; sendo assim, para elas a comunicação é algo muito complexo, pois é necessário um determinado momento para internalizar e entender tudo o que está a sua volta e prender a atenção em diversos detalhes, o que é muito difícil, já que muitas vezes não conseguem agrupar elementos visuais, pois há um comprometimento de seu foco de atenção. Entretanto, esta dificuldade de comunicação e concentração também pode ser verificada em outras pessoas que não possuem o transtorno. Diante disso, é importante ressaltar Sacks (1995) em uma consideração referente à comunicação da criança autista:

Há no autismo um sério comportamento da comunicação oral, o que faz supor que é possível compensar a expressão por meio do corpo, estimulando o que

o Autista tem para mostrar com sua linguagem corporal. Porém, não se trata de diagnosticar as possíveis inabilidades psicomotoras que ele pode evidenciar, mas sim trabalhar para que as habilidades corporais se desenvolvam de forma espontânea, criando situações para que a pessoa se exteriorize. (SACKS apud BOATO, 2014, p 59)

Fica claro que o corpo passa a ter um papel determinante no desenvolvimento de sua linguagem e para isso é preciso ter uma mudança constante na estrutura corporal e não verbal e trabalhar a dança e as expressões do corpo com as crianças com autismo pode ser a possibilidade de enxergar além, de outro ângulo, um suporte de ligação com tudo àquilo que a inquieta além de interligar a mente e o corpo, que muitas vezes tornam-se distantes, também na sua formação de personalidade buscando transmitir sua subjetividade. Pensar no corpo na dança é apontá-lo como manifestação do sujeito dentro de uma era histórica, que passou a ser utilizada em todas as civilizações como descarga emocional e muitas vezes como forma de diálogo com outras tribos, oferecendo uma estrutura social de como o homem deve ser na sociedade (DAOLIO, 1992, p.30)

Evidentemente que o corpo no contexto da realidade contemporânea foi sendo marcado pelo seu tempo, tanto no espaço territorial, como em relação ao poder e novamente, a comunicação corporal foi sendo moldada pelos superiores. Foucault (1987) apresenta que a época clássica começou a treinar o corpo e manipular todos os movimentos que para anatomia política não tivesse nenhum questionamento ou uma falta de obediência também sendo que aqui neste período surge esta preocupação com colocar na sociedade estas crianças vista como selvagem, pois não teria nenhum domínio no estado físico e emocional e isto ainda existe nos tempos atuais.

Para combater esta hipertrofia de movimentos e expressões, a dança torna-se uma operadora de mudanças em relação ao comportamento da criança e pode trazer um modo de proporcionar sensações, de sentir-se viva a todos os momentos, exposta a pensar no estado atual do corpo com as diferentes experiências adquiridas com o seu tempo. Sobre este assunto Pierre Weil e Roland Tompaknow (1986) destacam a função do corpo na dança com movimentos cotidianos pois, para eles, pela linguagem do corpo, diz-se muitas coisas aos outros e os outros têm muitas coisas a dizer. O corpo é antes de tudo um centro de informação para consigo mesmo. Em cada ser humano, encontram-se marcas de seu tempo e de sua cultura e muitos gestos são

características da dança, já que esta linguagem artística faz parte da história da humanidade.

Os jogos corporais e atividade lúdica que podem ser desenvolvidas com a dança tornam-se importantes meio para se quebrar paradigmas e desbravar um mundo desconhecido para as crianças; explorar o próprio corpo, seus movimentos, sensações e anseios são aspectos fundamentais e que precisam estar presentes nas atividades propostas para o autista, desenvolvendo a capacidade de imitar e trabalhar com a memória e o aprendizado.

Mas para que esta forma de pensar possa verdadeiramente propor idéias criativas para as crianças autistas, deve-se pensar no despertar de uma curiosidade física e mental, ou seja, a vontade e intenção de desenvolver movimentos e gestos ao explorar um objeto por exemplo. É preciso explicar, sempre deixar muito claro qual o objetivo, o passo a passo do que esta sendo realizado e assim, a criança irá estabelecer um vínculo com o objeto lúdico (fitas, bexigas, entre outros) e com a dinâmica em questão. Irá idealizar simbolicamente, e assim, tendo um significado e uma singularidade para a criança, ela se envolverá com a proposta e “o professor precisa estar pronto para receber e aprender com estas crianças”. (BARBOSA, 2008, p.3)

Cabe acrescentar a esta reflexão que a inclusão da dança no ambiente escolar com crianças autistas amplia o conhecimento, a busca por algo novo e traça uma multidisciplinaridade com diversas modalidades, ampliando os olhares para coisas que muitas vezes são esquecidas ou passam despercebidas pelo adulto e mais além, as atividades propostas a favor do corpo, fazem pensar em uma tradição, uma cultura, a identidade de uma comunidade. Desse modo, é necessário entender que a dança dentro do trabalho com crianças autistas não requer um domínio perfeito de uma técnica, nem que exista um padrão de alunos e corpos que possam aprender a dança ou que já possui esta como uma espécie de dom, pois ninguém nasce com um tipo definido e sim, vai conquistando ao longo do percurso social vinculando um saber e uma força de vontade. (BARBOSA, 2008 p.85)

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo buscou a compreensão mais ampla que envolve o autismo e dança. A criança autista em seu meio social traz um modo diferente e específico de absorver informações, condutas, imagens, ou seja, tudo que esteja a sua volta, podendo ser

algo muito complexo, pois para elas é difícil sistematizar formas específicas e regras sociais para expressar verbalmente o que deseja, ou que sente.

Desta forma, o seu corpo passa a criar mecanismo de defesa para sua comunicação, todos os gestos fazem com que sintam-se capazes de oferecer um diálogo, mas muitos professores não tem um olhar mais amplo sobre a comunicação corporal das crianças. É importante que se tenha conhecimento sobre a trajetória histórica tanto do autismo quanto do corpo e da dança para que haja clareza que não há “receita de bolo” ou “técnica específica” para trabalhar com estas crianças e, mas há meios para buscar expandir o mundo autista e a comunicação não verbal das crianças que possuem esta síndrome.

Nota-se que as crianças autistas usam o corpo em todos os momentos de sua vida e que para elas, este é um importante instrumento de comunicação. Acredita-se que o corpo fala, expressa, sente e que não só apenas os autistas precisam e devem utilizá-lo como forma de comunicação além de descobri-lo artisticamente, é importante pensar que corpo está em constante comunicação, transformação e sempre sendo observado por todos que estão a sua volta. A criança autista pode encontrar na dança a expressão que ainda lhe falta e assim, se completará.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae (Org) **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 5.Ed. São Paulo. Cortez 2008

BOATO, Elvio; SAMPAIO, Tânia; CAMPOS, Meicar; DINIZ, Soraya; ALBUQUERQUE, Augusto. **Pensar a prática**. Goiânia. Jan/ Mar.2014, disponível em <[www.revistas.ufg.br/feff/article/download/17904/16387](http://www.revistas.ufg.br/feff/article/download/17904/16387)> acessado em abril 2016

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**: corpo motricidade; Campinas, SP: Papyrus: Editora, 1994

FERNANDES, Álisson; NEVES, João; SCARAFICCI, Rafael. Autismo. Instituição de computação Universidade Estadual de Campinas, disponível em <<http://www.ic.unicamp.br/~wainer/cursos/906/trabalhos/autismo.pdf>> acessado em abril 2016

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão; tradução de Lúcia M. PondéVassallo. Petrópolis, Vozes, 1987

MARINHO, Eliane; MERKLE, Vânia. No IX Congresso Nacional de Educação- EDUCERE III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia 26 a 29 de outubro de 2009. **Um olhar sobre o autismo e sua especificação**. Disponível em [http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/1913\\_1023.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/1913_1023.pdf) acessado em abril de 2016

WEIL, Pierre. **O corpo fala**: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal, por Pierre Weil e Roland Tompaknow. Petrópolis, Vozes, 1986